

# Relatório de Pesquisa # 02

Brasília, 17 de novembro de 2020.



## Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia

### Os Impactos da Pandemia no Ativismo Digital

*Marisa von Bülow*

Co-coordenadora do Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia, do Grupo de Pesquisa Resocie (Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília). Membro do INCT – Instituto da Democracia e Democratização das Comunicações.

**Como citar o documento:** von Bülow, Marisa. “Os Impactos da Pandemia no Ativismo Digital”, Relatório de Pesquisa # 02, Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia, Brasília, 17 de novembro de 2020, disponível em: <https://resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>

# Introdução<sup>1</sup>

Em um primeiro momento, a chegada da pandemia do novo coronavírus levou a uma forte queda nas mobilizações e protestos. Muito rapidamente, porém, tornou-se evidente o início de um novo ciclo de ação coletiva, associado à crise sanitária (Abers & von Bülow 2020a, 2020b). De fato, a pandemia deve ser entendida como um *evento mobilizador*, uma crise (ainda em aberto) à qual uma ampla variedade de atores da sociedade civil deu respostas, a partir do uso de diferentes repertórios de ação on-line e off-line. É também um *evento inevitável*, no sentido de que esses atores não podem ignorá-lo, mas se veem obrigados a enfrentar seus impactos. Isto é verdade independentemente das diferenças entre os tipos de organizações, setores de movimentos sociais e tendências ideológicas, embora é claro que as estratégias e respostas dos atores à pandemia variam consideravelmente ao longo destas dimensões. Neste Relatório, foco especificamente na análise dos impactos da pandemia no ativismo digital.

O ritmo do processo de digitalização da vida tornou-se mais veloz durante a pandemia. À medida que as políticas de distanciamento social e o trabalho a partir de casa foram implementadas, as pessoas voltaram-se para seus computadores, telefones e televisões para todo tipo de atividade do cotidiano, desde reuniões de trabalho até aulas de ioga. Embora a pandemia tenha sido um desastre econômico para a maioria dos setores, para aqueles relacionados ao mundo digital tem sido uma oportunidade para aumentar os lucros. A demanda por aplicativos de rastreamento, serviços de tele-saúde e aplicativos para reuniões, para citar apenas alguns setores, disparou. Produtos inovadores do mundo da Internet das coisas estão sendo projetados à luz da pandemia, como no caso de um dispositivo “vestível” (“wearable”) que dispara um alarme se o usuário tocar no rosto<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo, estas inovações têm levantado preocupações importantes em relação à privacidade e segurança dos dados. A compreensão dos impactos desta nova fase da digitalização da vida é um desafio importante que exigirá um esforço multidisciplinar e de longo prazo<sup>3</sup>. Como disse Vallee (2020), “acompanhar a mudança sísmica (criada pela pandemia) é exaustivo” (p.8).

Este Relatório contribui para as discussões sobre o processo de digitalização da vida durante a pandemia, com foco em um tema específico: o ativismo político digital. O texto argumenta que, assim como a digitalização em geral, a aceleração também é uma

---

<sup>1</sup> Agradeço os membros do grupo de pesquisa Resocie pelas sugestões e críticas apresentadas a uma versão anterior deste Relatório.

<sup>2</sup> Ver [https://medical-technology.nridigital.com/medical\\_technology\\_oct20/wearable\\_tech\\_covid-19](https://medical-technology.nridigital.com/medical_technology_oct20/wearable_tech_covid-19), acessado pela última vez em 14 de novembro de 2020.

<sup>3</sup> Já há esforços nesse sentido. Ver, por exemplo, o projeto sobre aplicativos e fluxos de dados relacionados à pandemia do Center for Digital Integrity at the University of Warwick, [https://warwick.ac.uk/fac/cross\\_fac/cdi/research/hp-contents/covidapps](https://warwick.ac.uk/fac/cross_fac/cdi/research/hp-contents/covidapps).



parte importante do que está acontecendo com o ativismo digital. A mudança, no entanto, não se limita a fazer mais rápido o que já era feito no passado. Paralelamente à *aceleração*, há um processo mais profundo de transformação, mostrado neste Relatório através de exemplos de *apropriação, diversificação, adaptação e criação de pontes*.

Essa transformação é incipiente e altamente desigual, mas proponho o seguinte argumento geral: a percepção dos atores da sociedade civil sobre as potencialidades do ativismo digital mudou no contexto da pandemia, especialmente nos casos daqueles atores que tiveram que enfrentar os obstáculos da exclusão digital e do letramento digital<sup>4</sup>.

Ativismo digital é definido como o conjunto de ações orientadas para promover causas políticas controversas, através de recursos e ferramentas digitais. Esta definição abrange um amplo repertório, que vai desde o que Marichal chamou de "microativismo" até práticas mais complexas, como a participação em campanhas de *hashtag*, a invenção de aplicativos, ou a criação de novos conteúdos online<sup>5</sup>. A definição também abarca uma grande diversidade de tipos de ativistas digitais: desde indivíduos que podem ou não estar envolvidos em ações coletivas, até organizações de movimentos sociais. Este Relatório prioriza a análise deste último tipo de ator. Especialmente importante, para os fins deste Relatório, é a inclusão de exemplos de organizações que antes da pandemia estavam situadas em diferentes fases do processo de incorporação de recursos e repertórios digitais. Embora todos tenham tido que enfrentar o desafio da virada digital durante a pandemia, os atores o fizeram a partir de diferentes pontos de partida e, por meio de processos de aceleração e transformação, criaram trajetórias diversas e produziram resultados também diversos.

As mudanças no ativismo digital são analisadas neste Relatório através de um mapeamento de tendências relacionadas à pandemia, ou seja, aquelas que surgiram durante a pandemia ou que a pandemia contribuiu para tornar mais visíveis. É uma análise preliminar porque a realidade está mudando rapidamente em um contexto de alta incerteza, no qual as interpretações dos atores sobre as características da crise e como responder a elas estão sendo disputadas (Abers e von Bülow 2020b). Também é importante notar que esta análise privilegia a apresentação de experiências de um conjunto de atores da sociedade civil que estão localizados no Brasil. Obviamente, os impactos da pandemia no ativismo não são os mesmos para todos os atores do mundo,

---

<sup>4</sup> Letramento digital refere-se ao domínio, pelos usuários, das habilidades e recursos digitais.

<sup>5</sup> Marichal definiu "microativismo" como "one-to-several forms of politically oriented communication that reflect micro-level *expressive political performances*. These performances are not necessarily geared towards mobilization like more traditional forms of digital activism but this does not invalidate their political purpose" (itálico no original) (2013: 2).



e é impossível generalizar a partir da experiência brasileira. Apesar disso, as tendências mapeadas podem servir de inspiração para pesquisas realizadas em outros contextos.

Este Relatório é parte de uma série de análises baseadas em dados do Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia, uma plataforma on-line criada pelo Grupo de Pesquisa Repensando as Relações entre Sociedade e Estado (Resocie), da Universidade de Brasília. O texto também se baseia na análise de documentos e em entrevistas qualitativas com atores-chave da sociedade civil, realizadas entre setembro e outubro de 2020.

## O Contexto Importa

Para analisar as mudanças trazidas pela pandemia, é importante colocá-las em seu contexto. Este Relatório argumenta que, no Sul Global, os impactos no ativismo digital são potencialmente muito mais relevantes - e desafiadores - do que no Norte Global, por duas razões. Primeiro, em países ou regiões menos desenvolvidos, as desigualdades no acesso digital e nas habilidades digitais tornam o processo de apropriação de ferramentas digitais mais difícil. Segundo, a impossibilidade de impor políticas rigorosas de quarentena e isolamento (por causa das condições de vida e porque as pessoas têm que continuar trabalhando) significa que a experiência da pandemia e das medidas contra ela são sentidas por mais tempo e são mais duras, especialmente nos casos das comunidades mais pobres. Nestes contextos, a pandemia não é apenas uma crise, mas uma catástrofe, definida como "situações em que as organizações estabelecidas para lidar com emergências e desastres (por exemplo, os serviços de incêndio, polícia, resgate e saúde) estão elas próprias sobrecarregadas ou em colapso" (Lavell et.al. 2020: 2).

O contexto político também é importante. No Brasil, a pandemia chegou num contexto pré-existente de polarização política, no qual várias autoridades políticas e atores da sociedade civil apoiaram uma posição negacionista. Em tal contexto, o ativismo digital tornou-se muito mais importante do que antes para um conjunto de atores da sociedade civil que tiveram que enfrentar um duplo desafio: preencher o vazio deixado pelo Estado e mobilizar-se contra campanhas de desinformação. Estudos iniciais têm mostrado que, de fato, o negacionismo oficial tem impacto na forma como indivíduos de diferentes posições políticas percebem os riscos associados à pandemia (Calvo et al. 2020) e, portanto, na forma como respondem aos apelos para o distanciamento físico, o uso de máscaras, ou para doar dinheiro ou alimentos aos setores mais vulneráveis da população.

É possível argumentar que estas características específicas do contexto econômico e político fazem do Brasil um caso único. Isto não significa, entretanto, que as conclusões e argumentos apresentados abaixo não nos ajudem a entender outros casos. É possível comparar as tendências mapeadas abaixo. Por exemplo, alfabetização e inclusão digital



são questões chave em todo o Sul Global para movimentos sociais e outros atores da sociedade civil cujos membros ou públicos têm baixo nível educacional. Outras questões, porém, por exemplo como lidar com campanhas de desinformação on-line, podem aproximar mais o caso brasileiro do dos Estados Unidos do que da maioria dos outros casos latino-americanos.

## Tendências do Ativismo Digital no Brasil

Para este Relatório, proponho diferenciar quatro tendências relacionadas às transformações nas práticas de ativismo digital em contexto de pandemia: *apropriação*, *diversificação*, *adaptação* e *integração*. Os exemplos mostrarão o aumento da importância da inclusão digital e do letramento digital nas agendas dos atores, a adaptação de atividades presenciais às possibilidades digitais, a diversificação dos repertórios on-line de ação coletiva e o surgimento de novas pontes para melhor integrar o ativismo digital e o presencial.

### Apropriação de Recursos Digitais

Nos anos 2000, o acesso à Internet cresceu exponencialmente no mundo todo. O Brasil não foi exceção. Apesar disso, em 2019, um em cada quatro brasileiros ainda não tinha acesso à Internet. É importante notar que a exclusão da Internet está correlacionada com renda, idade, local de moradia (se os indivíduos residem em áreas rurais ou urbanas) e educação. Isto é verdade não apenas no Brasil. Também em países desenvolvidos (como os Estados Unidos) o acesso à Internet está relacionado a estas variáveis<sup>6</sup>. Entretanto, as diferenças entre grupos sociais são muito mais relevantes em um país com níveis de desigualdade crônica, como o Brasil. Assim, enquanto para o grupo de renda mais alta a Internet é praticamente universal (95%), apenas 57% das pessoas nos dois níveis de renda mais baixos têm acesso à Internet (CGI, 2019).

Além disso, são relevantes as diferenças na qualidade do acesso à Internet, que também variam de acordo com a renda, idade, local de vida e educação. Enquanto 11% dos estratos mais ricos usam telefones celulares como seu meio exclusivo de acesso on-line, este número sobe para 85% para os dois estratos de renda mais baixos (idem). Novamente, a tendência de aumento no acesso on-line através de smartphones é global (por exemplo, Taylor & Silver, 2019), mas para os brasileiros mais pobres isso significa

<sup>6</sup> Para dados sobre o acesso desigual à Internet nos Estados Unidos ver, por exemplo: <https://www.pewresearch.org/internet/fact-sheet/internet-broadband/>.



ter acesso muito limitado, muitas vezes dependente da disponibilidade de serviços gratuitos de Wi-Fi. Assim, importa não apenas saber quem tem acesso. Importa também saber qual é a qualidade da conexão.

Em março, quando as primeiras medidas de isolamento foram implantadas no Brasil, a pandemia gerou uma ruptura com interações presenciais que restringiu, de forma brutal e instantânea, as possibilidades de ação coletiva. De repente, não podia mais haver reuniões semanais, encontros informais, assembleias ou protestos de rua. Isto representou um desafio crucial para as organizações da sociedade civil, especialmente para aquelas cujos participantes são excluídos digitalmente. Apesar do crescente processo de apropriação de ferramentas digitais pelas organizações da sociedade civil, para muitas a arena digital ainda era um território relativamente inexplorado<sup>7</sup>.

No contexto das políticas de distanciamento social, porém, tornou-se urgente encontrar formas de manter contato com os membros das organizações e buscar estratégias diferentes para mobilizar as pessoas. Para muitos, especialmente aqueles com condições pré-existentes que os tornavam mais vulneráveis ao vírus, os canais digitais passaram a ser a única maneira de dar continuidade a alguma forma de participação e de comunicação com os demais.

De acordo com dados de uma pesquisa online feita com 1.760 organizações da sociedade civil na última semana de maio, 55% mencionaram a dificuldade em manter contato com seus membros (ou seu público) como o segundo impacto negativo mais importante da pandemia (atrás apenas da diminuição dos recursos financeiros) (Mobiliza Consultoria & Reos Partners, 2020). Ao mesmo tempo, 44% declararam ter adaptado suas ações para poder realizar contato remoto (idem). Outras fontes de dados confirmam a relevância desta questão. Em um debate on-line, um membro de uma organização que defende os direitos das pessoas com deficiência estimou que cerca de 20% das famílias com as quais trabalhavam não tinham acesso à Internet<sup>8</sup>. A questão também se tornou mais relevante - e urgente - porque as pessoas com direito a receber o auxílio emergencial aprovado pelo Congresso Nacional (trabalhadores informais, trabalhadores autônomos e aqueles com menor renda) tiveram que baixar um aplicativo bancário nos seus telefones para se cadastrar e acompanhar os pagamentos<sup>9</sup>.

Nesse contexto, parte da mobilização das ONGs e movimentos sociais focou na necessidade de combater a exclusão digital. A Coalizão Direitos na Rede, por exemplo, propôs utilizar fundos públicos para subsidiar custos de conectividade e aquisição de

---

<sup>7</sup> Para uma discussão sobre as diferentes trajetórias de apropriação de recursos digitais e práticas digitais de organizações de movimentos sociais, ver von Bülow, Vilaça and Abelin 2019.

<sup>8</sup> Ver a “live” organizada pela Federação das APAES de São Paulo, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A3KCy96vTFg>, 29 de julho de 2020.

<sup>9</sup> Ver as instruções para acesso ao cadastro do auxílio emergencial aqui: <https://www.caixa.gov.br/auxilio/Paginas/default2.aspx>.



*hardware* para estudantes de baixa renda<sup>10</sup>. Outra ONG, Intervozes, solicitou que as companhias telefônicas não interrompessem os serviços devido à falta de pagamento durante a pandemia. Em outros casos, as organizações da sociedade civil distribuíram chips de telefones celulares e instalaram pontos de rede sem fio em locais com conexão ruim<sup>11</sup>.

Como já afirmamos acima, o acesso é apenas parte da discussão sobre inclusão digital. Para as pessoas nas periferias urbanas e para aqueles que vivem em áreas rurais mais isoladas, o custo, a velocidade e a confiabilidade do acesso à Internet também são questões-chave<sup>12</sup>. Como parte dos esforços da sociedade civil para enfrentar esses desafios, em outubro a Central Única das Favelas (CUFA) e parceiros lançaram um novo provedor de Internet. Auto descrito como um "provedor social", visa oferecer um serviço de Internet barato e confiável nas favelas brasileiras, e promete não cortar o acesso quando os planos de dados tiverem sido esgotados (mas apenas diminuir a velocidade da conexão)<sup>13</sup>.

Falar de inclusão digital também é falar de letramento digital, um obstáculo-chave para organizações que trabalham com pessoas pobres e idosas com baixo nível educacional, e com pessoas com deficiências. Um ativista, que lidera uma organização que trabalha com pessoas pobres em todo o país e tem pouca presença on-line, descreveu sua preocupação inicial e, depois, sua surpresa com os resultados dos esforços de inclusão digital:

*"As primeiras duas semanas foram de total angústia (...) a gente ficou sem saber o que fazer. Porque aonde é o nosso terreno de atuação? É nas ruas (...) Aí veio: ninguém pode sair de casa. E agora, José?" (...)*

*"É incrível o que descobri. (...) homens e mulheres que mal sabem escrever o seu nome, são quase analfabetos, e de tanto a gente falar da importância de fazer reunião, elas hoje conseguem entrar em um aplicativo desses (Zoom) e conseguem participar de*

<sup>10</sup> Ver <https://direitosnarede.org.br/2020/05/20/fust-deve-subsidiar-acesso-a-internet-durante-pandemia-especialmente-os-estudantes/>.

<sup>11</sup> Por exemplo, em setembro a Central Única das Favelas começou a distribuir milhares de chips, como parte do projeto "Mães das Favelas ON", e instalaram pontos de Wi-fi em favelas (com financiamento de parceiros privados e apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO). Ver <https://www.vozdascomunidades.com.br/destaques/cufa-distribui-chips-de-celular-na-rocinha/> e [https://www.instagram.com/p/CGkcr\\_LJtk/](https://www.instagram.com/p/CGkcr_LJtk/). Outros tipos de atores, como as universidades, também lançaram programas de inclusão digital por meio da doação de equipamentos e de chips para celulares.

<sup>12</sup> Como explicado, por exemplo, no primeiro episódio do podcast "Lugar de Quarentena", que discute as experiências de moradores de favelas na pandemia: <https://anchor.fm/arqueperifa/episodes/1---Coletivos-Culturais-da-Quebrada-ed76kt>

<sup>13</sup> Ver <https://alosocialcelular.com.br/>



*reuniões. Com dificuldade, mas conseguem se expressar, conseguem fazer relatos. A gente jamais imaginou que as pessoas que iam nas reuniões nossas lá na periferia, que a gente sabe que tem muita dificuldade com tecnologia... (...)a gente se enganou. Fizemos reunião com 30, 40 pessoas, as pessoas mais simples da base, a gente conseguiu passar o informe sobre o que a gente estava fazendo. Foi uma coisa muito surpreendente." (Entrevista 7, 2 de outubro de 2020).*

Para estes ativistas, a digitalização significava não só aprender a fazer as coisas de uma nova maneira, mas também mudar a forma como as possibilidades digitais eram avaliadas. O que parecia impossível - encontrar-se on-line com pessoas que mal conseguem escrever seus próprios nomes - tornou-se possível em um período de tempo muito curto. A tendência de apropriação das tecnologias digitais em contexto de pandemia se sobrepõe a duas outras tendências: de diversificação e adaptação dos repertórios de ação coletiva.

## **Diversificação e Adaptação dos Repertórios de Ação Coletiva**

Outras tendências de transformação do ativismo digital estão relacionadas às mudanças na forma como os atores utilizam as ferramentas digitais para a ação coletiva, ou seus repertórios digitais de ação coletiva. Os atores que já tinham uma presença digital diversificaram e adaptaram o uso das ferramentas digitais. Isto implicou também em um processo de adaptação organizacional. As organizações redirecionaram recursos de atividades presenciais para atividades on-line, e investiram em melhor infraestrutura e em serviços de segurança.

A adaptação mais simples e talvez mais visível foi a transição de reuniões presenciais para reuniões remotas. Pela primeira vez em décadas de história de celebrações do Dia do Trabalho, o primeiro de maio foi organizado on-line, através de seis horas de streaming que reuniu líderes trabalhistas, celebridades, músicos e políticos. De acordo com um entrevistado da Associação Brasileira de ONGs, no contexto da pandemia eles perceberam que as reuniões on-line eram viáveis, e, claro, muito mais baratas, porque não precisavam pagar para reunir pessoas de todo o país<sup>14</sup>. De fato, as atividades online se tornaram tão comuns e aceitáveis que os ativistas se esgotaram, como explicou um deles (ironicamente, ao usar o Zoom para dar uma entrevista):

*"Passamos da euforia para a exaustão. (...) (Fazer reunião online) é válido? É. Então vamos começar a fazer! Daí foi engraçado porque a gente começou a marcar reunião de tudo. Porque a coisa*

<sup>14</sup> Entrevista 5, 1 de outubro de 2020.



*do custo, que impactava essas reuniões, acabou. Essa coisa de uma atenção numa tela cansa o olho, exaure as pessoas*<sup>15</sup>.

Como Geert Lovink argumentou em seu artigo sobre a fadiga do Zoom, o "Zoom (ou Teams ou Jitsi ou qualquer outro aplicativo de videoconferência) tornou-se outra sala na casa" (p. 3), e "de forma similar à própria crise do Covid, estão nos pedindo para suportar sessões intermináveis de Zoom" (p. 5).

A exaustão gerada pela sobrecarga de estímulos dos nossos cérebros em longas horas de videoconferência é, como explica Lovink, um fenômeno que afeta uma ampla gama de pessoas. Para os ativistas, que são o foco deste Relatório, esta exaustão resultou não apenas da transição de reuniões presenciais para (um número ainda maior de) reuniões on-line, mas também do boom na organização de "lives", "webinars", podcasts, e do streaming de atividades presenciais, como a distribuição de doações.

As "lives" não eram uma parte significativa do repertório digital das organizações da sociedade civil antes da pandemia. No contexto do distanciamento social, no entanto, elas rapidamente se tornaram uma atividade regular para muitos, organizadas através de plataformas como o Zoom e divulgadas através das páginas do Facebook e dos canais do YouTube. "Lives" tornaram-se fóruns para debater os significados e impactos da pandemia, para trocar ideias com outros ativistas e com acadêmicos ou políticos, e tornaram-se um palco a partir do qual lançar campanhas ou denunciar violações dos direitos humanos. Parte desta enxurrada de atividades online também tem sido direcionada para o lançamento de campanhas de comunicação que visam aumentar a conscientização sobre o vírus e combater a desinformação.

Um bom exemplo do uso intensivo de "lives" para o ativismo digital é o do Centro de Direitos Humanos Gaspar Garcia, uma organização localizada em São Paulo. Entre 17 de maio e 2 de outubro, o Centro organizou trinta eventos com organizações da sociedade civil e indivíduos envolvidos na defesa dos direitos humanos das pessoas que vivem em situação de rua. Antes da pandemia, a página do Centro no Facebook apresentava apenas três vídeos<sup>16</sup>. Estas "lives" representam, portanto, um novo tipo de atividade no repertório digital cotidiano do Centro. Os eventos tinham diferentes objetivos. Alguns foram organizados para lançar a Campanha "Despejo Zero", que reuniu uma coalizão de atores da sociedade civil para exigir que durante a pandemia as pessoas não fossem despejadas de suas casas devido à incapacidade de pagar o aluguel, e que os sem-teto que viviam em ocupações não fossem evacuados pela polícia. Outros discutiram a necessidade de transformar quartos de hotéis desocupados em abrigos temporários

<sup>15</sup> Leonardo Pinho, da Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (UNISOL). Vídeo Travessia - Episódio 4, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=m0J9Ex\\_8xqk](https://www.youtube.com/watch?v=m0J9Ex_8xqk).

<sup>16</sup> Ver [https://www.facebook.com/centrogaspargarcia/videos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/centrogaspargarcia/videos/?ref=page_internal).



para pessoas desabrigadas. Outros ainda foram usados para denunciar a brutalidade da polícia contra os trabalhadores ambulantes.

Um exemplo desafiador de adaptação na transição para o ambiente digital vem das atividades relacionadas a cuidado, autocuidado e iniciativas terapêuticas em geral. Por exemplo, em 2015 o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfêmea), uma das mais importantes ONGs feministas brasileiras, lançou um programa de autocuidado e cuidado entre ativistas, como uma nova estratégia política que visa proteger e fortalecer as mulheres ativistas<sup>17</sup>. Nesses casos, argumentou uma de nossas entrevistadas, a dificuldade decorre da necessidade de adaptação da metodologia, pensada originalmente para ser somente presencial<sup>18</sup>.

## Criação de Pontes entre o Ativismo Digital e o Presencial

As tendências apresentadas acima poderiam nos levar à conclusão de que as fronteiras entre o ativismo on-line e off-line desapareceram. Não é o que está sendo argumentado neste Relatório. A separação entre arenas on-line e off-line continua a existir, e isso - considerando a discussão sobre a exaustão do Zoom acima - é na verdade uma coisa boa. Entretanto, as fronteiras entre estas arenas estão constantemente mudando e, no contexto da pandemia, há mais esforços para integrá-las melhor.

As pontes entre ativismo on-line e off-line são claramente visíveis nas novas campanhas de ação coletiva que foram lançadas pelos atores da sociedade civil no contexto da pandemia. Por exemplo, as ações de ajuda mútua, que foram a prioridade de muitas organizações que trabalham com comunidades pobres das periferias urbanas nos meses de março e abril (Abers & von Bülow 2020a), foram organizadas tanto on-line como off-line. Os voluntários eram recrutados através do Facebook, as ações coordenadas através dos grupos de WhatsApp, as reuniões presenciais realizadas em campos de futebol (onde podiam respeitar as regras de distanciamento social), e a entrega de doações era feita pessoalmente, em visitas domiciliares ou em centros de distribuição, muitas vezes com streaming online.

A integração on-line/off-line também tem sido característica de formas de ação mais confrontacionistas, tais como a greve nacional convocada pelos trabalhadores de aplicativos de entrega de alimentos, em 25 de julho<sup>19</sup>. A greve foi convocada pelas mídias sociais e presencialmente. No dia da greve, os motoboys usaram grupos da WhatsApp para coordenar o fechamento de ruas e outras formas de protesto, e para

---

<sup>17</sup> Ver a descrição desta iniciativa em

[https://www.cfemea.org.br/images/stories/publicacoes/folder\\_cuidado\\_entre\\_ativistas\\_english.pdf](https://www.cfemea.org.br/images/stories/publicacoes/folder_cuidado_entre_ativistas_english.pdf).

<sup>18</sup> Entrevista 6, 2 de outubro de 2020.

<sup>19</sup> Mobilizações similares também ocorreram em outros países. As principais demandas são taxas de remuneração mais altas, condições mais seguras de trabalho e acesso a equipamento de proteção.



manter uns aos outros informados. Durante o mesmo dia, organizaram um "vomitação" nas páginas de mídia social dos aplicativos de entrega<sup>20</sup>.

Um terceiro exemplo é o de campanhas de comunicação lançadas durante a pandemia. Especialmente interessante tem sido o trabalho de mídia-ativistas, que criaram novos aplicativos para celulares<sup>21</sup> e integraram melhor os programas de rádio tradicionais com streaming on-line via YouTube e Facebook, e com podcasts. Estes atores também adaptaram suas estratégias de comunicação online, para incluir dois objetivos relacionados à pandemia: a "tradução" da complicada linguagem científica na qual a pandemia é frequentemente discutida, e a luta contra a desinformação. Ao mesmo tempo, as organizações comunitárias continuam usando as ferramentas do passado: penduraram faixas nas ruas para pedir às pessoas que fiquem em casa, e também usaram carros de som.

## Comentários Finais

As organizações da sociedade civil que chegaram tarde ao mundo do ativismo digital estavam mal posicionadas para responder aos desafios impostos pela pandemia, especialmente durante o período inicial de fortes restrições a atividades presenciais. As entrevistas e documentos analisados neste Relatório fornecem exemplos das dificuldades enfrentadas por estes tipos de atores nas primeiras semanas de março de 2020. Por outro lado, aqueles que tinham incorporado ferramentas e habilidades digitais e que tinham presença em mídias sociais estavam melhor preparados para lançar rapidamente novas campanhas. Eles também estavam melhor posicionados para proteger seus membros, encontrando formas online de interação e protesto que minimizavam os riscos de contágio, e sendo mais eficientes para conseguir ajuda emergencial para aqueles que mais precisavam.

Este Relatório também mostrou que mesmo aquelas organizações da sociedade civil com pouca presença digital conscientizaram-se da necessidade e urgência da virada para o digital no contexto da pandemia. Não só passaram a utilizar mais ferramentas digitais, mas também lançaram iniciativas de inclusão digital e letramento digital. Muitos também estão fazendo um esforço para integrar melhor as estratégias on-line e off-line.

---

<sup>20</sup> Ver as publicações de 25 de julho na página do Facebook do movimento: <https://www.facebook.com/tretanotrampo>.

<sup>21</sup> Por exemplo, o Voz das Comunidades, no Complexo do Alemão, lançou um novo aplicativo para celular. Ver <https://www.vozdascomunidades.com.br/>.



Assim, a percepção dos atores sobre o significado e as potencialidades do ativismo digital está mudando, e as suas práticas digitais estão se transformando. Algumas dessas mudanças não são facilmente mensuráveis. Não podem ser medidas apenas pelo número de tweets enviados, ou pelo número de seguidores em uma plataforma de mídia social. A transformação fica clara, porém, quando os ativistas falam sobre o aumento da relevância da inclusão e do letramento digital, sobre os usos que têm feito de novos recursos tecnológicos e sobre a integração das práticas digitais com ações presenciais.

A virada digital não é, no entanto, uma panaceia. As organizações da sociedade civil estão discutindo os desafios psicológicos envolvidos no tempo excessivo de tela, e estão conscientes do fato de que o protesto digital não substitui o protesto de rua. É por isso que este Relatório enfatizou a criação de pontes entre as arenas online/offline, e não o fim da fronteira entre elas.

O processo de apropriação de ferramentas digitais pela sociedade civil não é linear nem homogêneo. Como já era verdade antes da pandemia, é um processo altamente heterogêneo e desigual, dadas as diferenças de recursos e poder político entre os atores. Além disso, resta saber se todas as tendências mapeadas serão sustentáveis em um futuro pós-pandêmico. Embora a pressão pela acessibilidade provavelmente permaneça como parte relevante das agendas dos atores, sem o risco sanitário do vírus as organizações da sociedade civil voltarão a fazer mais reuniões e atividades cara-a-cara - embora não tantas como antes.

Este Relatório mostrou tendências e abriu agendas para pesquisas futuras. Em particular, são necessárias mais pesquisas sobre as diferentes trajetórias de digitalização das organizações da sociedade civil, e como estas estão relacionadas a diferentes percepções dos atores das potencialidades (e limitações) do ativismo digital. Também precisamos de mais dados sobre que tipos de ferramentas digitais os atores estão priorizando, e se há debates sobre a necessidade de ir além das plataformas proprietárias. Com algumas exceções, a maioria dos exemplos incluídos neste Relatório mostra uma tendência dos ativistas a utilizarem um conjunto limitado de plataformas – em especial, Facebook, WhatsApp e Zoom.

Finalmente, este Relatório enfatizou o estudo de organizações da sociedade civil. Uma análise completa do ativismo digital durante a pandemia deve incluir outras formas de ativismo, como o ativismo de indivíduos que não são membros de organizações, ou que estão agindo de forma autônoma com relação a suas filiações organizacionais.

De um ponto de vista teórico, precisamos discutir mudanças na definição dos conceitos de ativismo e ação coletiva, à luz da virada digital que estamos testemunhando durante a pandemia. Precisamos também de uma melhor compreensão do significado da própria pandemia para a sociedade civil, como um choque exógeno, uma crise, uma oportunidade, uma ameaça, ou tudo isso ao mesmo tempo.



## Referências

Abers, Rebecca e Marisa von Bülow. 2020a. “A sociedade civil das periferias urbanas frente à pandemia (março-julho 2020)”, Relatório de Pesquisa 1 do Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia do Grupo de Pesquisa Resocie, Universidade de Brasília, Brasília, 30 de junho, disponível em: <https://resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>

Abers, Rebecca e Marisa von Bülow. 2020b. “Agir, Interpretar, Imaginar: Movimentos Sociais Frente à Pandemia”, paper apresentado no encontro da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), 19-23 de outubro.

Calvo, Ernesto e Tiago Ventura. 2020. “Will I get COVID-19? Partisanship, social media frames, and perceptions of health risk in Brazil”, mimeo., University of Maryland.

Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI). 2019. “TIC Domicílios - pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros”, CETIC/NIC/CGI.

Lavell et. al. 2020. “The Social Construction of the COVID-19 pandemic: disaster, risk accumulation and public policy”, LA RED (Network for Social Studies on Disaster Prevention in Latin America)/RNI (Risk Nexus Initiative), 21 de abril, disponível em: <https://www.desenredando.org/covid19/Social-construction-of-the-COVID19-pandemic-disaster-risk-accumulation-public-policy-RNI-LA-RED-22-04-2020.pdf>, acessado pela última vez em 8 de novembro de 2020.

Lovink, Geert. 2020. “The anatomy of Zoom fatigue”, *Eurozine*, November 2, disponível em: [www.eurozine.com/the-anatomy-of-zoom-fatigue/](http://www.eurozine.com/the-anatomy-of-zoom-fatigue/), acessado pela última vez em 8 de novembro de 2020.

Marichal, José. 2013. “Political Facebook groups: Micro-activism and the digital front stage”. *First Monday*, 18(12). <https://doi.org/10.5210/fm.v18i12.4653>

Mobiliza Consultoria & Reos Partners. 2020. “Impacto da Covid-19 nas OSCs brasileiras: da resposta imediata à resiliência”, disponível em: <https://mailchi.mp/mobilizaconsultoria/estudocovid19>, acessado pela última vez em 12 de novembro de 2020.

Taylor, Kyle e Laura Silver. 2019. “Smartphone ownership is growing rapidly around the world, but not always equally”, PEW Research Center, fevereiro.

Vallee, Mickey. 2020. “Doing Nothing Does Something: embodiment and data in the COVID-19 pandemic”, *Big Data & Society*, <https://doi.org/10.1177/2053951720933930>.

von Bülow, Marisa, Luiz Vilaça e Pedro Abelin. 2019. “Varieties of digital activist practices: students and mobilization in Chile”. *Information, Communication & Society*, 22, 12: 1770–1788. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2018.1451550>

